

Fundos Solidários



Tecendo redes, entrelaçando vidas

1ª Edição -Pernambuco - 2016

Expediente

Revista: Fundos Solidários - tecendo redes, entrelaçando vidas / 1ª Edição - PERNAMBUCO - 2016

Realização:

Fundação Grupo Esquel Brasil
SCS Qd. 01 – Bl. “I” – Ed. Central
– 13º andar – Sl. 1.301, 1302 e 1.307;
CEP 70304-900 – Brasília /
DF; Tel: (61) 3322-2062
Fax: (61) 3322-1063.
www.esquel.org.br
www.vencerjuntos.org.br

Diretor-Presidente: Silvio Rocha Sant’Ana

Superintendente:

Sílvia Alcântara Picchioni

Convênios:

Ministério do Trabalho/Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES nº. 748343/2010 e nº 791562/2013

Projeto de Apoio às Finanças Solidárias com Base na Organização de Fundos Solidários/Região Nordeste

Responsável Técnica/

Coordenação Geral do Projeto Vencer Juntos: Barbara Schmidt Rahmer

Coordenação do Projeto Fundos Solidários do Nordeste: Cristina Rocha Gusmão

Jornalista Resp.: Danilo Castro

Colaboração nos textos e

produção da Revista: Cristina Rocha Gusmão

Direção de Arte: Moema Braga

Revisão Textual: Lília Costa

Produção Gráfica: Luiz Bernardo

Fotografia: Márcio Donizeti Otávio

Ilustrações: Audifax Rios

Arte Final: Marcelino Júnior

Edição: Lamparina Comunicação Gráfica Ltda.

Índice

03 Apresentação

04 Carta dos Fundos Solidários de Pernambuco

07 Fundos Solidários em Pernambuco - uma história de parcerias

12 Luta e Alegria, Assim é feita a Associação de Mulheres do Loteamento Santana

14 Conheça o CredCidadania

19 CEDAPP Plantando Esperança

21 Fundo Rotativo: mais dignidade com organização comunitária

25 Sítio Pacheco e seus encantos no semiárido de Pernambuco

27 Mulheres Angelicais Construindo Cidadania
Fundo Rotativo Solidário - Diversidade que transforma
Hegemonia Feminina



APRESENTAÇÃO

“Um homem pode esquecer em dois anos o que levou vinte para aprender.”

Rabi Nathan Textos Judaicos

Não basta viver a experiência. É preciso contá-la aos convivas para que se cumpra o destino de encantar outras aldeias com as boas novas. Nossa revista (ou as edições), Fundos Solidários, Tecendo redes entrelaçando vidas, chega à suas mãos para compartilhar a riqueza de um tipo de experiência coletiva bem sucedida que, se não é totalmente original porque é também resgate de práticas ancestrais, é inovadora por realizar cooperativamente caminhos para o desenvolvimento sustentável.

Nos últimos 40 anos, os Fundos Solidários (FS) - também chamados de Fundos Rotativos Solidários (FRS)-, proporcionaram experiências que merecem entrar para a história dos esforços humanos pela erradicação das desigualdades sociais, pois testemunham a viabilidade de soluções comunitárias pensadas, decididas e executadas

democraticamente, e com o apoio de parcerias institucionais comprometidas com a inclusão produtiva de trabalhadores(as) rurais e urbanos(as) que continuam sem as devidas oportunidades de levar uma vida digna a partir do próprio trabalho.

Quem viveu experiências associativas sabe o quanto é difícil fazer junto, sobretudo, fazer para atingir os resultados almejados. Mas sabe, também, da alegria que é colher junto os frutos e desejar continuar junto, aperfeiçoando um projeto comum. Cumprir o combinado é um dos segredos das experiências exitosas de economia solidária aqui relatadas. Observar criticamente os processos, também compõe o ritual desse fazer junto. Mesmo os que não viveram ainda alguma experiência associativa, poderão perceber nos resultados aqui divulgados a diferença que faz a solidariedade.

Assim, decidimos avançar por um caminho que nos permitisse, ao mesmo tempo, registrar e avaliar essa trajetória, divulgan-

do nesta publicação os dados mensuráveis dessas experiências, tanto para seus próprios atores quanto para novos participantes. Entre os objetivos do Projeto Mapeamentos dos Fundos Solidários - inscrito num projeto maior de apoio às finanças solidárias com base na organização de fundos solidários - destacamos dois: o fortalecimento desse tipo de organização e o subsídio para a definição de políticas públicas que fortaleçam essas iniciativas.

O Mapeamento aqui apresentado foi executado pela Fundação Grupo Esquel Brasil em parceria com as principais redes de entidades que trabalham com Fundos Solidários na Região Nordeste, entre elas: Cáritas Regionais/Diocesanas; Fóruns de Economia Solidária; Fóruns de Segurança Alimentar; ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro.

Vivemos, podemos contar.

Trabalhamos agora para aperfeiçoar e multiplicar essa vivência.



CARTA DOS FUNDOS SOLIDÁRIOS DE PERNAMBUCO

Nós, mulheres e homens, povo engajado e persistente, participantes dos Fundos Solidários do Estado de Pernambuco, estivemos reunidas/os em Recife/PE, nos dias 05 e 06 de Dezembro de 2012, para o I Seminário Estadual sobre Fundos Solidários de Pernambuco. O objetivo do seminário foi socializar e refletir os dados e informações coletadas na pesquisa de Mapeamento de Fundos Solidários, realizado no estado no período de maio de 2011 a agosto de 2012.

A organização dos Fundos Solidários do Estado de Pernambuco, iniciou sua trajetória nos anos 80 a partir da luta e organização da Igreja, Movimentos Sindicais, ONG's e entidades sociais com uma relevância no trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e outras organizações como Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STR's, Associações Comunitárias. As ações iniciadas refletiam a realidade e necessidade do nosso povo no semiárido que eram "massa de

manobra" nas mãos dos políticos, despertando para o fortalecimento associativo, participação em mutirões, criação de bancos de sementes e repasses financeiros a partir da construção de cisternas de placas e criação de pequenos animais.

A partir do ano 2000, começa a se consolidar o movimento de economia solidária no Brasil, com o empenho do trabalho desenvolvido pelos empreendimentos econômicos solidários (EES), entidades de apoio e fomento (EAFs), apoio aos Fundos Solidários na região do Semiárido Brasileiro.

Neste contexto, em 2010, foi firmada uma parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, através do Projeto de Fundos Solidários do Nordeste para mapear os FS.

Foram identificadas e sistematizadas 46 (quarenta e seis) práticas de FS, nas regiões: Sertão do Pajeú (13), Região Metropolitana do Recife (05)





e Região Agreste (28), beneficiando 2.587 famílias com EES urbanos e rurais do estado. Os dados apresentados provocaram um debate onde a plenária, a partir da realidade apresentada, reafirmou os resultados alcançados, e principais desafios a serem enfrentados pelos fundos solidários, pelas iniciativas das Entidades Fomentadoras e os Gestores Públicos que atuam neste campo.

Diante do histórico dos Fundos Solidários em Pernambuco e dos dados mapeados, destacamos algumas características relevantes do perfil dos participantes dos Fundos e das experiências fundadas;

- Protagonismo de mulheres e jovens,
- Forte presença de produtoras/es rurais organizadas/os,
- Fortalecimento das entidades locais e organização comunitária.
- Experiências da agricultura familiar e da agroecologia (quintais produtivos), possibilitando às comunidades de baixa renda criar e desenvolver coletivamente as redes de produção e comercialização da agricultura familiar, da agroecologia e da Economia Solidária.

Dessa forma, demonstra-se que é possível gerar renda, transformar a realidade das famílias do campo e da cidade e construir uma nova economia, de base popular e solidária.

O diagnóstico realizado através do Projeto Fundos Solidários do Nordeste possibilitou também a percepção das seguintes dificuldades:

- Poucos recursos para apoiar as atividades de produção e comercialização;

- Políticas públicas inexistentes ou insuficientes em todos os níveis (federal, estadual e municipal);
- Carência de assistência técnica contextualizada e sistemática;
- Carência de ampliação no acesso a informação e formação para os empreendimentos econômicos solidários;
- Pouco conhecimento e/ou valorização da sociedade sobre a produção da agricultura familiar e agroecologia;
- Ausência de organização de redes de fundos solidários;
- Pouca integração entre os segmentos das finanças solidárias aliadas a pouca visibilidade das experiências de fundos solidários e falta de um marco regulatório.

O mapeamento mostrou a riqueza das experiências comunitárias, municipais, territoriais e regionais, a exemplo das Mulheres Angelicais Construindo Cidadania, do Sítio Angélica, zona rural de Buíque - PE, que há nove anos trabalha com atividades de caprinocultura na perspectiva de contribuir para segurança alimentar e nutricional e geração de renda das famílias.

A partir deste Seminário e do Mapeamento foram sinalizadas propostas concretas para a efetivação dos Fundos Solidários no Estado de Pernambuco:

- Fortalecer a produção do artesanato, da agricultura familiar e da agroecologia; divulgar as iniciativas existentes de forma criativa, ampliando a comercialização;
- Contribuir na organização e criação das Redes Regionais e Estadual, com objetivo de fortalecer o Fórum Estadual de

Economia Solidária, ampliando às relações e comunicação entre os grupos/empreendimentos solidários e entidades de apoio e fomento e gestores público que atuam com Economia Solidária;

- Elaborar projetos para alocar recursos para a estruturação da articulação das Redes e Fórum Estadual de Economia Solidária;
- Apoiar a produção e comercialização dos empreendimentos econômicos solidários rurais e urbanos através de programas e projetos já existentes, com reforço à formação e infraestrutura produtiva.

Neste contexto pretendemos

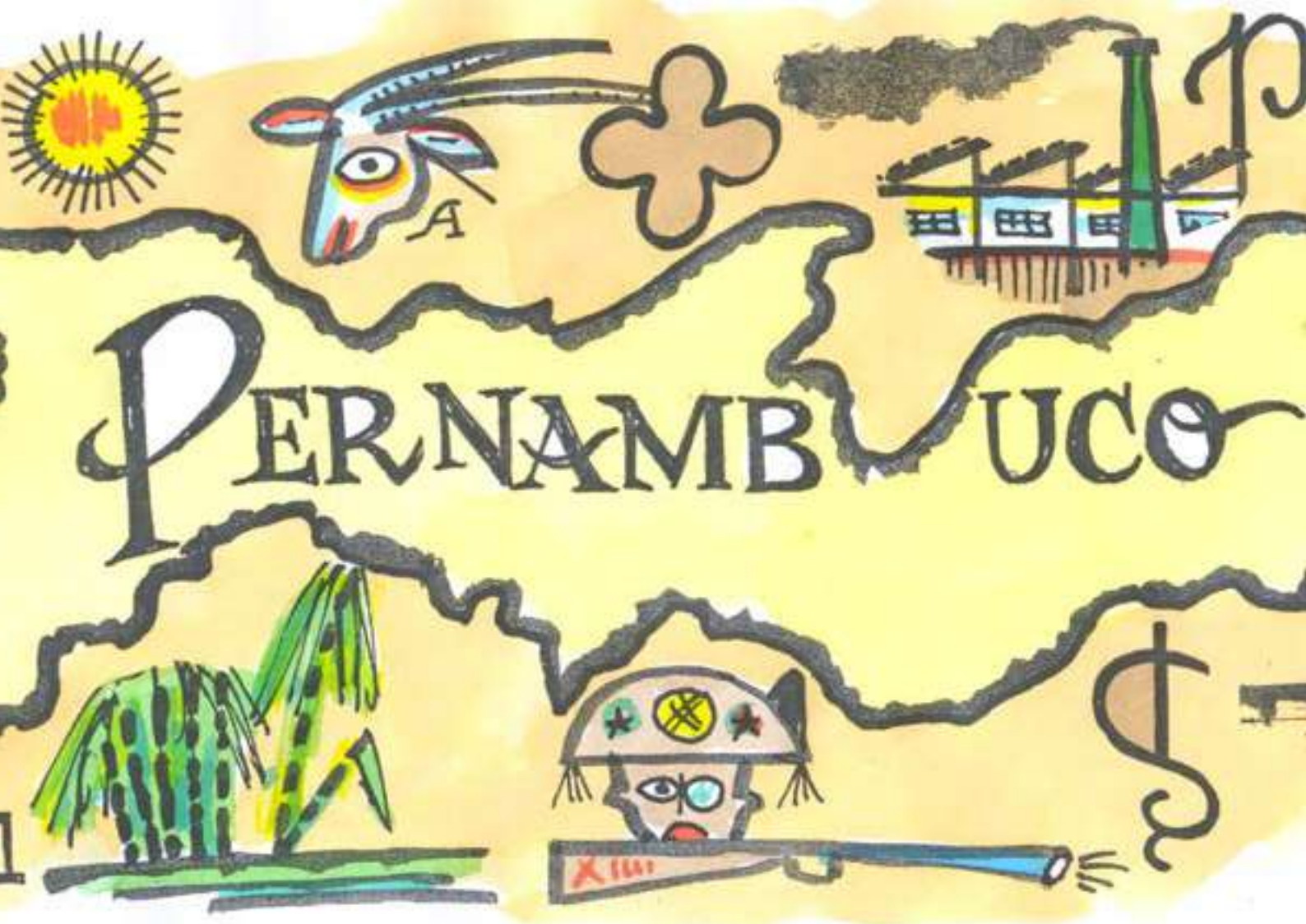
incidir nas políticas públicas de apoio às Finanças Solidárias, com ênfase em fundos solidários, considerando o processo de articulação e mobilização existente nos territórios e no estado.

A realização deste Seminário consolidou as ações existentes, através das atividades que promovem e contribuem para o desenvolvimento territorial solidário e sustentável.

Fortaleceremos nossas lutas e bandeiras, a partir da nossa realidade em Pernambuco/Nordeste, com ênfase na cooperação, autogestão e solidariedade!

Recife - PE, 06 de Dezembro de 2012





FUNDOS SOLIDÁRIOS EM PERNAMBUCO

Uma história de parcerias

A prática dos Fundos Solidários tem uma longa história, iniciada nos anos 80 do século passado com os Projetos Alternativos Comunitários (PACs), ligados à Igreja Católica. A partir dos anos 90, esse tipo de iniciativa ganha força junto aos movimentos sociais e às diversas outras igrejas, como proposta concreta de atuação para a mudança das estruturas geradoras de empobrecimento.

Ao longo dessa trajetória de ação comunitária, percebe-se a

rápida ampliação do número de entidades que começam a trabalhar com algum tipo de reserva financeira para pequenos projetos produtivos, em crescente adesão ao modelo de Fundo Rotativo Solidário (FRS). Durante a década de 90, essa prática recebe grande estímulo para fomentar projetos de geração de renda, em decorrência da mobilização nacional promovida pela Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, liderada por Herbert José de

Sousa (Betinho). Nesse período, os recursos da sociedade civil para apoiar pequenos projetos comunitários aumentam significativamente.

A criação desse novo mecanismo de finanças solidárias espalha-se por todo o país, incrementando o surgimento de diversas redes de fomento às atividades produtivas realizadas por setores populares, socialmente mais vulneráveis. Outras formas de fundos solidários também surgem nesse contexto,

tais como: as cooperativas de crédito, as entidades de crédito popular e solidário, os bancos comunitários e os clubes de trocas com moedas sociais.

Em Pernambuco, as entidades que, entre outras, mais se destacam nesse processo são: Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor (CEDAPP), Rede Cáritas, Rede Vencer Juntos/Pastoral da Criança, CredCidadania, Casa da Mulher do NE, Diaconia e Centro Sabiá.

Mapeamento - hora de avaliar resultados e impactos

Após décadas vivenciando as possibilidades dessa nova economia, surge a proposta de realização do Mapeamento dos Fundos Solidários do Nordeste para atender a necessidade de autoavaliação e de visibilidade dos resultados efetivos, gerados tanto na vida particular das famílias atendidas quanto na cultura de solidariedade de um modo mais amplo. Iniciado em março de 2011, o diagnóstico dessas experiências cumpre também o objetivo de estimular políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento sustentável.

Para a realização desse projeto, as entidades coordenadoras do Mapeamento nesta primeira fase são: Cáritas Nordeste 2, Rede Vencer Juntos, CEDAPP, Diaconia e CredCidadania.

A primeira ação do Mapeamento é a de realizar uma pré-identificação das experiências para, em seguida, mobilizar seus representantes e ouvi-los, atualizando dados e informações. Participam das entrevistas os membros de Fundos Solidários, representantes de empreendimentos e líderes das comunidades beneficiadas com

algum tipo de financiamento. A maioria das visitas é realizada por um agente estadual do Mapeamento, indicado pela coordenação.

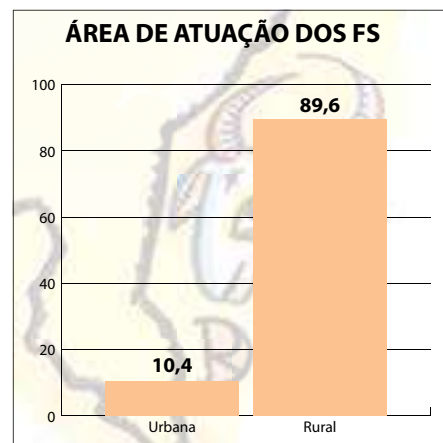
Vale aqui ressaltar que, para além dos objetivos gerais, esse Mapeamento cria também possibilidades especiais de (re) encontros, trocas de saberes, reflexões sobre as práticas e aprendizados adquiridos, levando sempre em consideração os aspectos que dizem respeito ao vivenciado e ao que é reconhecido pelos entrevistados como resultado individual e coletivo.

Em Pernambuco, 50 experiências são identificadas como usuárias de Fundos Solidários, das quais 46 estão aqui sistematizadas. Essas experiências atendem 37 municípios e envolvem cerca de 2.590 famílias. Aqui, os primeiros Fundos surgem como resposta à seca e à desnutrição infantil. Com apoio da cooperação internacional e das entidades ligadas à Igreja Católica, cabras leiteiras começam a ser distribuídas para as primeiras famílias que, em seguida, passam uma ou duas crias para outra família, criando um círculo virtuoso.

Nessa caminhada inicial dos Fundos Solidários no estado, as principais entidades de apoio e fomento atuam em territórios específicos, organizando experiências em três polos territoriais: Pesqueira (28), Sertão de Pajeú (13) e Região Metropolitana do Recife (05). Destaca-se nessa fase o papel decisivo da Cáritas na articulação política dos Fundos e da Economia Solidária em nível estadual. Algumas dessas experiências estão aqui relatadas em detalhes e revelam o quanto o projeto de Mapeamento dos Fundos Solidários do Nordeste (FSNE) vem melhorando o diálogo entre as diversas

realidades nesses territórios.

A expressiva presença de Fundos Solidários na área rural demonstra a necessidade que as famílias agricultoras têm de viabilizar a produção para subsistência e a comercialização do excedente, fatores esses que impactam em outras necessidades básicas, produzindo novas demandas sociais (saúde, educação, transporte).



Tipologia dos Fundos Solidários

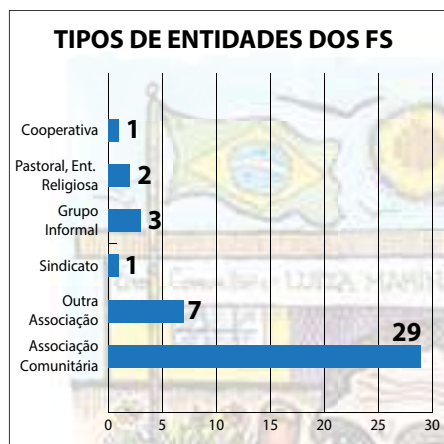
O Mapeamento dos Fundos Solidários adota as seguintes tipologias: Entidade Gestoras de Fundos Solidários - são aquelas que realizam diretamente a gestão dos recursos, dos produtos, dos animais e/ou dos serviços; Entidades Fomentadoras - são aquelas que fomentam a ação dos Fundos Solidários por meio das opções de formação, acompanhamento e disponibilização dos recursos necessários; Entidades Fomentadoras/Gestoras - realizam os dois papéis de forma concomitante, tanto gestam Fundos Solidários como estimulam a criação de novos Fundos.

Em Pernambuco, a tipologia de Entidades Gestoras de Fundos Solidários segue o padrão preponderante dos demais estados, tendo em sua composição 42 experiências. Destaca-se

ainda que as principais entidades de apoio e fomento atuam em territórios específicos. O CEDAPP, que nasce na Diocese de Pesqueira, fomenta grande parte dos Fundos Solidários naquele território; a Diaconia foca seu trabalho no Sertão do Pajeú, juntamente à Casa da Mulher do NE; e o CREDCIDADANIA atua principalmente na região Metropolitana do Recife.

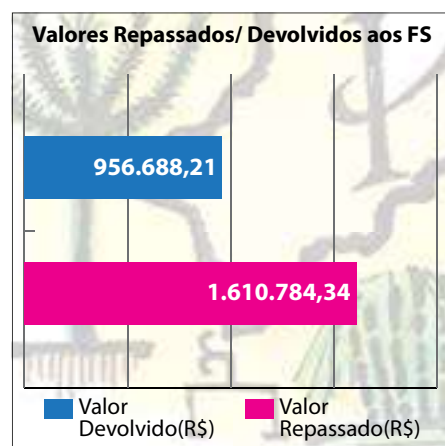


Tipos de entidades que participam de Fundos Solidários em Pernambuco



Chama atenção o grande número de FS (29) geridos por associações comunitárias. Nos relatos, esses dados são frequentemente atribuídos ao fato de os Fundos cumprirem o papel de fortalecer mecanismos autogestionários e ampliar a participação de seus sócios no conjunto das atividades. Em decorrência

dessa participação ativa, na hora que alguém precisa acessar algum recurso, monetário ou não, pode fazê-lo sem burocracia, com base nas relações de confiança e de partilha construídas ao longo do processo. Há referências também à qualidade dos serviços prestados, uma vez que os recursos podem ser empregados na qualificação técnica, assegurando a melhoria no atendimento às demandas de seus participantes.



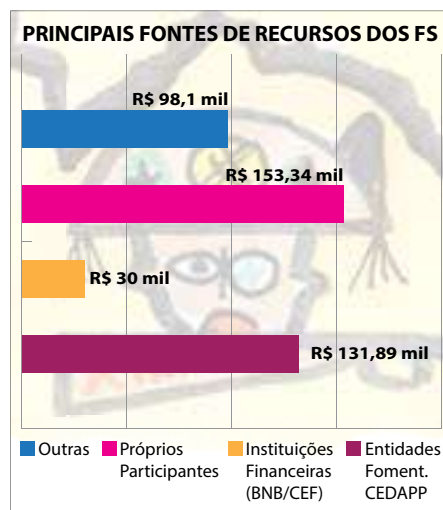
Existe uma diversidade de modelos de devolução dos recursos recebidos que cada FS adota, conforme as condições de cada experiência. Essas devoluções variam em: integrais, parciais, acrescidas de algum tipo de rendimento e com prazos de carência diferenciados. Essas possibilidades garantem um grau satisfatório de devoluções, assegurando sua viabilidade econômica e social.

Principais fontes de recursos dos Fundos Solidários

Os recursos para constituição dos FS possuem fontes variadas. A maioria capta recursos dos próprios participantes (financeiros e não financeiros). Muitos recebem doações de organizações não governamentais locais que, por sua vez, captavam recursos da cooperação inter-

nacional - fonte que vem diminuindo sua participação nos últimos anos. Já a celebração de convênios com entidades governamentais vem aumentando a partir de 2003. Outras fontes advêm de doações de igrejas, de empresas e do Banco do Nordeste e da SENAES, por meio principalmente do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS) entre outros.

Total Geral das Fontes em 2010: R\$ 413.344,00.



Os desafios da gestão

Não existe um modelo único de gestão dos FS. Cada experiência define seus próprios critérios e formas de funcionamento, adaptando-se à realidade em que estão inseridos. No entanto, alguns elementos são comuns:

1) a composição de uma comissão gestora, composta em média por três pessoas, sendo um(a) secretário(a), um(a) tesoureiro(a) e um(a) coordenador/articulador(a);

2) o trabalho de gestão é voluntário;

3) a presença de instrumentos de controle financeiro das movimentações (livro ata, registro das entradas e saídas das contribuições dos participantes, regimento interno);

4) os prazos de carência,

quando existentes, são definidos coletivamente, utilizando como critérios os tipos de atividades a serem financiadas.

Busca-se, assim, garantir que a gestão seja a mais participativa, democrática e transparente possível. A relação de confiança entre os participantes está ancorada não só nos laços afetivos, mas também no acesso às informações da movimentação do Fundo, compartilhando-se os resultados positivos e negativos alcançados por cada membro e criando um sentido de corresponsabilidade com o bem que é de todos (as).

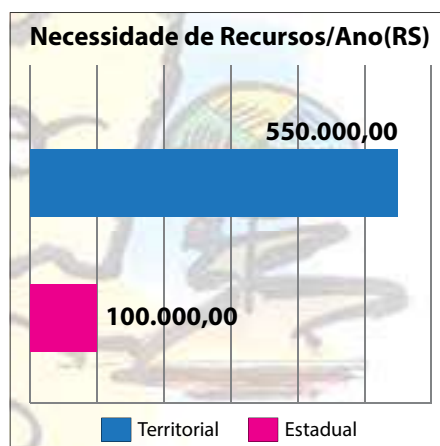
Em Pernambuco, os relatos atestam que as fragilidades na gestão dos Fundos ocorrem principalmente nos registros financeiros, pois são realizados ainda de forma pouco organizada. Os arquivos também são precários, ocorrendo extravio de documentos, principalmente, quando há mudanças na comissão gestora. Outro dado que merece atenção é a dificuldade de alternância de lideranças para ajudar na gestão dos Fundos. Geralmente, são as mesmas pessoas que exercem essa função por tempo indeterminado, pela indisponibilidade dos demais membros para assumirem essa tarefa.

A despeito de todas as dificuldades, são as práticas efetivas de autogestão que fortalecem os grupos e sustentam as atividades inovadoras, a exemplo do que ocorre na agricultura familiar agroecológica, experiência na qual as relações de convivência respeitosa entre as pessoas e o meio ambiente vão construindo modelos de desenvolvimento sustentável. Essas experiências autogestionárias constituem-se assim em autênticos espaços de valorização da associação entre o saber

popular e o saber científico para a produção contínua do conhecimento.

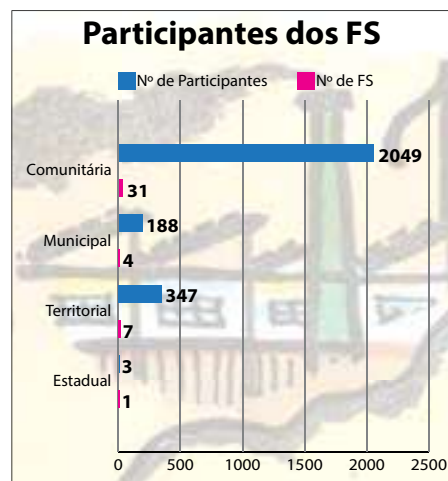
Necessidade Anual de Recursos

As entidades de apoio entrevistadas estimam em R\$ 650.000,00 a necessidade anual de recursos para dar continuidade ao trabalho com os FS em Pernambuco.



Perfil dos participantes

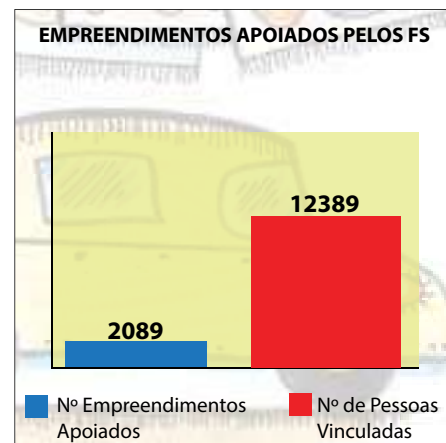
O perfil dos participantes dos Fundos Solidários no estado de Pernambuco segue em consonância com os demais estados da região nordeste. A maioria absoluta é composta por agricultores que possuem renda de até um salário mínimo, têm idade entre 19 a 59 anos e o ensino fundamental concluído.



O Mapeamento evidencia, assim, que os Fundos Solidários atendem às populações mais excluídas e, portanto, aos segmentos mais vulneráveis presentes nas comunidades de acampados, catadores, indígenas, ribeirinhos e remanescentes de quilombos. Além de disponibilizar recursos, os FS fortalecem a participação e a autonomia de mulheres e jovens e estimula a consciência organizativa dos grupos, avançando a capacidade dessas comunidades de reivindicar e propor políticas públicas pertinentes.

Empreendimentos apoiados pelos FS

Empreendimentos apoiados/pessoas vinculadas desde o início dos FS



Principais atividades desenvolvidas pelos Fundos Solidários em Pernambuco

- **Infraestrutura:** construção de cisternas, cercas, casas de mel e farinha; reforma e/ou ampliação de moradias (teto, calçadas, banheiro); construção de templo religioso; construção/melhoramento de aprisco para os animais, de aviários e de pocilgas;

galpões para máquinas agrícolas; melhoria nos quintais/estruturação (tela); recuperação das estradas de acesso às comunidades; construção de tanques de pedra, escavação de poços, reservatórios para água de irrigação e piscicultura.

• **Agricultura Familiar:**

criação de animais (caprinocultura, ovinocultura, bovinocultura, apicultura, criação de peixe); fruticultura, produção de hortaliças, legumes, plantio de palma forrageira, mandioca, produção de grãos (feijão, milho); produção de silagem.

• **Beneficiamento:** produção de polpas, licores, compotas, cajuína, doces de frutas variados, mel de abelha, mel de caju.

• **Artesanato:** produção de peças em couro, barro, palha e madeira; produção de rendas, bordados e pinturas; confecção de bonecas e roupas; produção de fitoterápicos, sabão e sabonetes.

• **Outras Atividades:** empréstimos diretos às famílias para as necessidades urgentes; apoio na área de saúde, transporte/deslocamento para atividades fora da comunidade; alimentação nas reuniões das comunidades.

O Mapeamento aponta elementos para a elaboração de políticas públicas

Os Fundos Solidários têm se revelado como autênticos espaços de geração de saberes e riquezas. Por isso são reconhecidos por seus integrantes como patrimônio das comunidades, com legitimidade para difundir os resultados dessas experiências, ampliar as discussões sobre o tema e propor atuações institucionais.

Há uma compreensão compartilhada entre seus integrantes de que as ações de governo, voltadas para o financiamento da economia popular e solidária, baseadas exclusivamente na expansão do atual sistema financeiro, são insuficientes para promover a cidadania para aqueles que se situam fora da dinâmica convencional de mercado. A legislação que rege a transferência e o repasse de recursos orçamentários para Fundos Solidários têm limitações e entraves que precisam ser revistos. Construir, democraticamente, um marco legal/regulatório que atenda aos objetivos dessa economia solidária é necessário e possível.

Essa rica trajetória dos Fundos Solidários, com experiências espalhadas por todo o Nordeste brasileiro, do semiárido ao lito-

ral, gestando novas maneiras de enfrentar as desigualdades econômicas e as injustiças sociais, permite apontar aqui algumas sugestões, para o avanço de Políticas Públicas que:

- sejam construídas a partir do acúmulo das experiências e práticas de Fundos Solidários já existentes, em suas mais diferentes formas de manifestação;
- promovam o protagonismo e o fortalecimento da cidadania de sujeitos coletivos, garantindo a participação nos espaços de decisão e controle social;
- possibilitem a integração com as demais políticas e a articulação entre os três níveis de Estado (federal, estadual e municipal);
- incorporem a concepção de Desenvolvimento Sustentável e Solidário - econômico, social, cultural, ambiental e político;
- disponibilizem fontes de recursos diversificados, assegurados em orçamento e fundos não retornáveis ao financiador;
- reconheçam os Fundos Rotativos como experiências de solidariedade que dinamizam a economia, atingindo resultados efetivos na qualidade de vida de seus participantes e da sociedade como um todo.





Luta e Alegria, Assim é feita a Associação de Mulheres do Loteamento Santana

Não é de hoje que as mulheres estão à frente de grande parcela das experiências de economia solidária espalhadas pelo Brasil. Quando o assunto é trabalho e transformação, lá estão elas, assumindo além das tarefas domésticas, a organização comunitária.

Camaragibe, Região Metropolitana de Recife, no estado de Pernambuco, conta com um grupo assim. Trata-se da Associação de Mulheres do Loteamento Santana, entidade fundada em 1990 por moradoras que, até então, eram exclusivamente

donas de casa, mas que resolvem mudar a realidade da região através de muito trabalho. Na época, os demais moradores de Santana sofriam com a falta de comércio, transporte, iluminação pública, pavimentação, dentre outras carências básicas do bairro. Quem mais padecia com a ausência desses serviços públicos era aquela dona de casa que precisava deixar seus filhos na escola, fazer compras e cuidar da família, enquanto os maridos estavam trabalhando em outros lugares.

Essa situação começa a inco-



modar cerca de 20 delas, que decidem reivindicar seus direitos aos órgãos competentes. Unem-se à associação anterior, somam forças e logo os primeiros resultados começam a chegar.

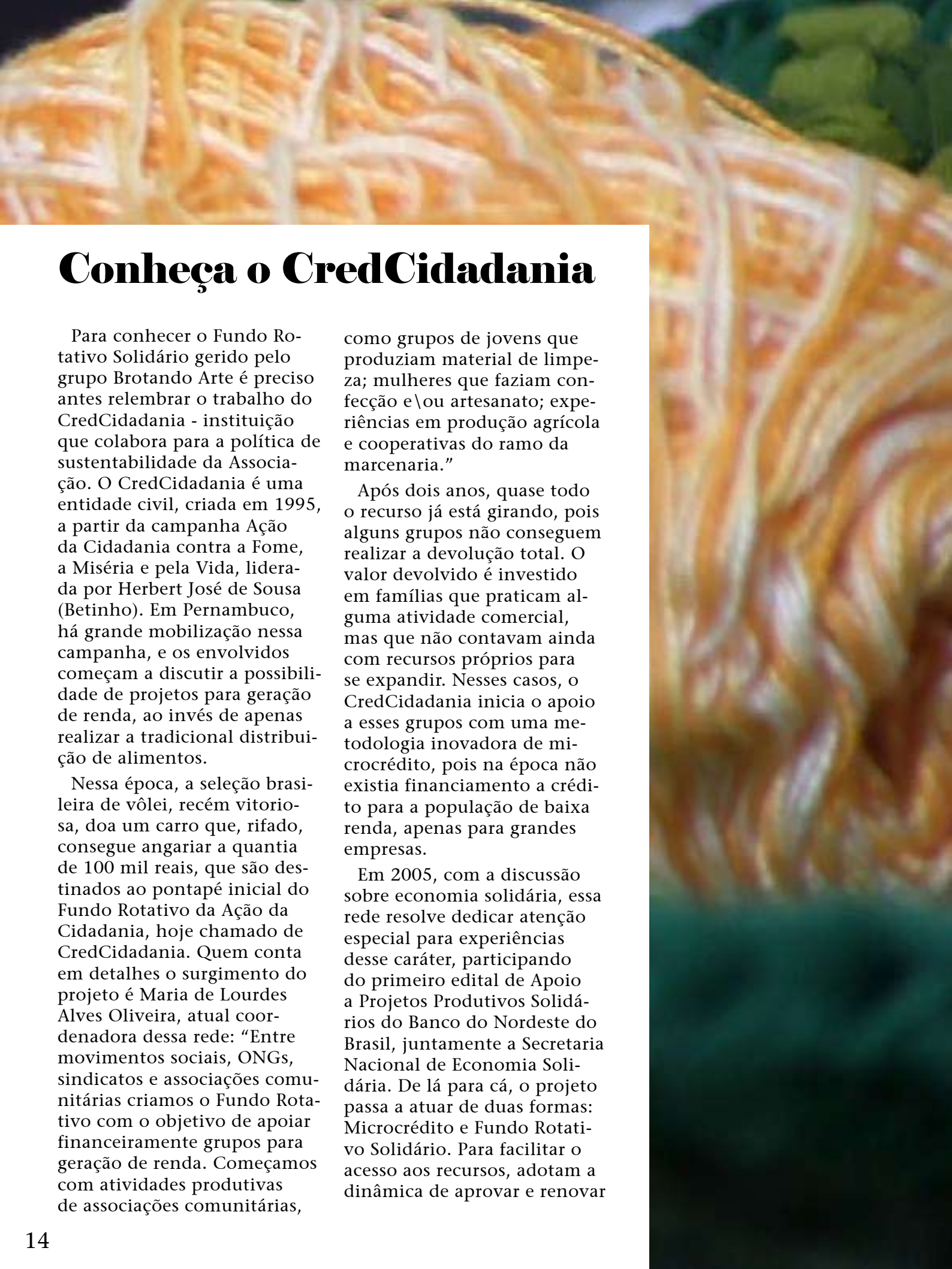
Além da luta por direitos, a Associação tem o propósito de ocupar e capacitar mulheres em atividades produtivas que possam promover melhorias na autoestima e também na renda familiar das mesmas. São, então, oferecidos Cursos de habilidades manuais como pintura em tecido, corte e costura, bordado, crochê, culinária etc. A partir dessa experiência, elas não param mais e os sonhos ficam maiores. Assim, surge o grupo de artesanato Brotando Arte, conquistado por via da elaboração de projetos de capacitação solidária, com o apoio de empresas privadas e mesmo da comunidade - que muitas vezes contribui nas rifas

para assegurar a ajuda de custo de professores convidados.

Aprendida a técnica, as mulheres começam por produzir peças para si mesmas, enquanto o excedente é vendido no bairro apenas para as amigas ou nas escolas. Com o aumento da capacidade de produção, decidem ampliar as vendas e expor também nas feiras. Para esse fim, procuram antes aprender mais sobre gestão financeira e capacitam-se, desta vez, em curso oferecido pelo Sesi Urbano.

Com a experiência acumulada nessa trajetória, as mulheres de Santana seguem, construindo seu modo próprio de produzir e se organizar. Optam por produzir em casa, realizando reuniões semanais, quando preciso, para unir as peças, trocar informações e fazer o planejamento dos próximos dias.





Conheça o CredCidadania

Para conhecer o Fundo Rotativo Solidário gerido pelo grupo Brotando Arte é preciso antes lembrar o trabalho do CredCidadania - instituição que colabora para a política de sustentabilidade da Associação. O CredCidadania é uma entidade civil, criada em 1995, a partir da campanha Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, liderada por Herbert José de Sousa (Betinho). Em Pernambuco, há grande mobilização nessa campanha, e os envolvidos começam a discutir a possibilidade de projetos para geração de renda, ao invés de apenas realizar a tradicional distribuição de alimentos.

Nessa época, a seleção brasileira de vôlei, recém vitoriosa, doa um carro que, rifado, consegue angariar a quantia de 100 mil reais, que são destinados ao pontapé inicial do Fundo Rotativo da Ação da Cidadania, hoje chamado de CredCidadania. Quem conta em detalhes o surgimento do projeto é Maria de Lourdes Alves Oliveira, atual coordenadora dessa rede: “Entre movimentos sociais, ONGs, sindicatos e associações comunitárias criamos o Fundo Rotativo com o objetivo de apoiar financeiramente grupos para geração de renda. Começamos com atividades produtivas de associações comunitárias,

como grupos de jovens que produziam material de limpeza; mulheres que faziam confecção e\ou artesanato; experiências em produção agrícola e cooperativas do ramo da marcenaria.”

Após dois anos, quase todo o recurso já está girando, pois alguns grupos não conseguem realizar a devolução total. O valor devolvido é investido em famílias que praticam alguma atividade comercial, mas que não contavam ainda com recursos próprios para se expandir. Nesses casos, o CredCidadania inicia o apoio a esses grupos com uma metodologia inovadora de microcrédito, pois na época não existia financiamento a crédito para a população de baixa renda, apenas para grandes empresas.

Em 2005, com a discussão sobre economia solidária, essa rede resolve dedicar atenção especial para experiências desse caráter, participando do primeiro edital de Apoio a Projetos Produtivos Solidários do Banco do Nordeste do Brasil, juntamente a Secretaria Nacional de Economia Solidária. De lá para cá, o projeto passa a atuar de duas formas: Microcrédito e Fundo Rotativo Solidário. Para facilitar o acesso aos recursos, adotam a dinâmica de aprovar e renovar



o crédito conforme demanda dos grupos. De acordo com o regimento interno, cada grupo deve apresentar ao comitê gestor da rede o seu plano de negócios e as melhores alternativas para a devolução do empréstimo.

Contudo, surgem períodos difíceis para a rede. Uma crise financeira nas ONGs impacta de forma substancial o acompanhamento dos grupos e a estrutura do projeto. Boa parte das organizações suspende suas atividades pela ausência de recursos, resultado da saída de agências de cooperação internacional do país. Com a sustentabilidade fragilizada, a Ação da Cidadania permanece com poucos grupos produtivos, entre eles está o grupo da Associação de Mulheres de Santana.

Hoje, segundo Lourdes Oliveira, o CredCidadania ainda vivencia uma fase de muitas dificuldades. No dia da reali-

zação desta entrevista, não havia recursos para criar novos Fundos Rotativos Solidários, apenas para pequenos projetos de curta duração: “Apesar de o nosso objetivo político ter sempre prezado trabalhar com os Fundos Solidários, infelizmente, diante do contexto, nossa principal linha de financiamento hoje é a do microcrédito”. Para continuar o trabalho de apoio às duas mil famílias que recorrem a esse serviço, o CredCidadania precisou buscar socorro em organizações federais: “Estamos inseridos no Programa Nacional de Microcrédito, do Ministério do Trabalho, acessando recursos geridos pela Caixa Econômica Federal. A gente busca financiamento que nos ofereça o capital necessário para emprestar a essas duas mil famílias empreendedoras”, completa.

A coordenadora do CredCidadania conta ainda que as

principais atividades dos grupos são o comércio e a confecção, gerando ocupação para cerca de 70% de mulheres, que escoam suas peças vendendo para a vizinhança e em feiras. Conhecidas como sacoleiras, são empreendedoras que estão sempre precisando de capital de giro para garantir sua produção. Mesmo não carecendo de uma grande quantia, essas mulheres necessitam de repasses contínuos, pois há bons e ruins períodos para as vendas.

A rede atualmente conta com 12 organizações associadas e seu desafio maior está na sustentabilidade por meio do microcrédito, modelo esse que foge do conceito de Economia Solidária. No entanto, Lourdes destaca: “Com todos os problemas, nosso compromisso maior é com as pessoas que querem mudar sua realidade”.



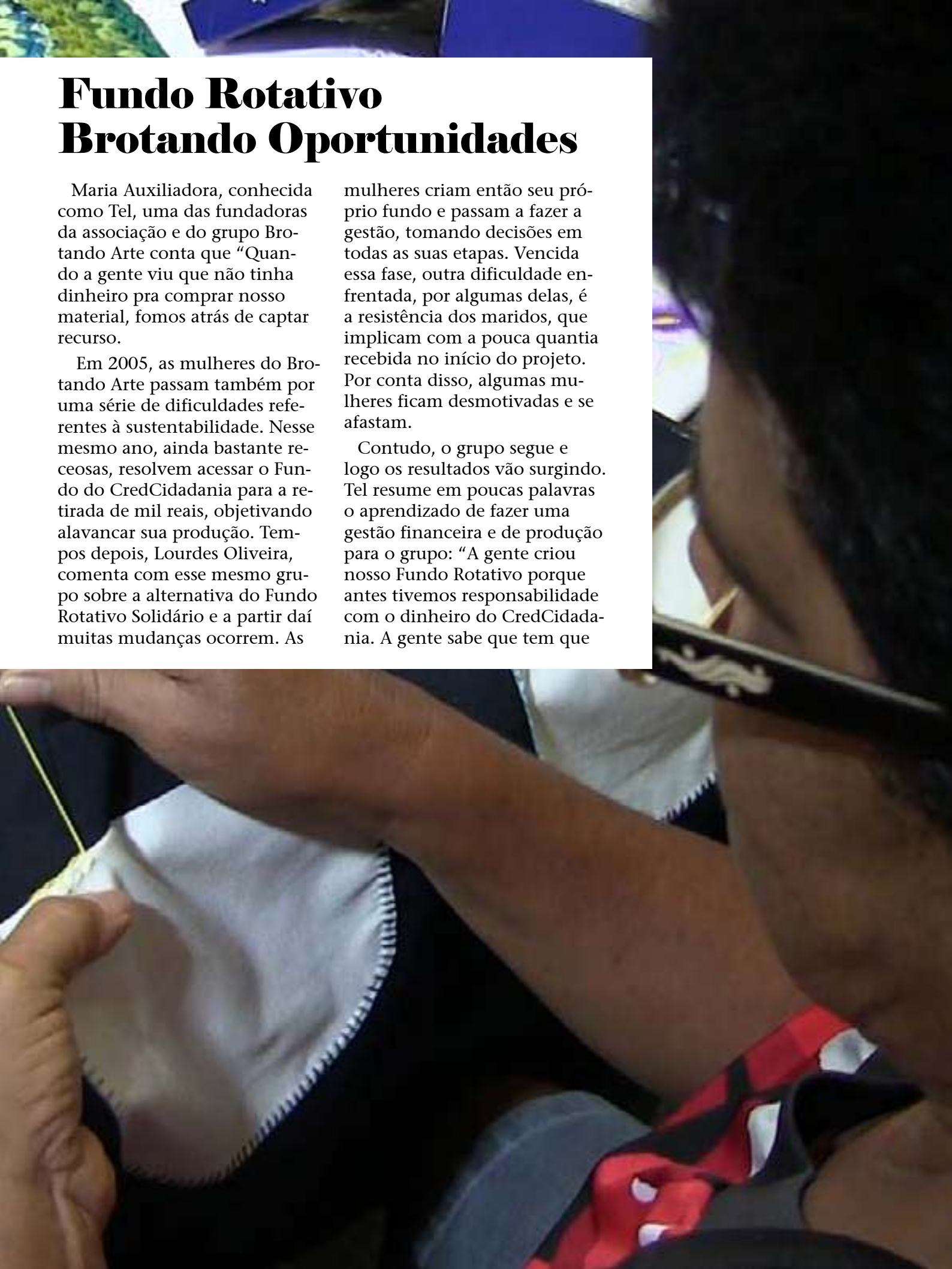
Fundo Rotativo Brotando Oportunidades

Maria Auxiliadora, conhecida como Tel, uma das fundadoras da associação e do grupo Brotando Arte conta que “Quando a gente viu que não tinha dinheiro pra comprar nosso material, fomos atrás de captar recurso.

Em 2005, as mulheres do Brotando Arte passam também por uma série de dificuldades referentes à sustentabilidade. Nesse mesmo ano, ainda bastante recosas, resolvem acessar o Fundo do CredCidadania para a retirada de mil reais, objetivando alavancar sua produção. Tempos depois, Lourdes Oliveira, comenta com esse mesmo grupo sobre a alternativa do Fundo Rotativo Solidário e a partir daí muitas mudanças ocorrem. As

mulheres criam então seu próprio fundo e passam a fazer a gestão, tomando decisões em todas as suas etapas. Vencida essa fase, outra dificuldade enfrentada, por algumas delas, é a resistência dos maridos, que implicam com a pouca quantia recebida no início do projeto. Por conta disso, algumas mulheres ficam desmotivadas e se afastam.

Contudo, o grupo segue e logo os resultados vão surgindo. Tel resume em poucas palavras o aprendizado de fazer uma gestão financeira e de produção para o grupo: “A gente criou nosso Fundo Rotativo porque antes tivemos responsabilidade com o dinheiro do CredCidadania. A gente sabe que tem que





pagar para ele poder girar, que é preciso devolver pra que ele atenda outras pessoas. Agora, mais do que nunca, aprendemos o que é ter compromisso.”

Sobre esse assunto, a coordenadora da rede afirma com convicção que são poucos os casos de inadimplência nas experiências com Fundos Rotativos: “Inadimplência não é um problema nos Fundos autogeridos pela comunidade. Onde eles deram certo é porque chegaram a um alto nível de organização política e comunitária e a entidade que assumiu esse apoio também cuida para que o recurso seja utilizado da maneira correta”, conclui Lourdes.

Até a data desta entrevista,

o grupo Brotando Arte conta com sete mil e novecentos reais no seu Fundo Rotativo, dinheiro que estava disponível para ser emprestado a outras mulheres em alguma atividade produtiva.

Ressalta-se, ainda, que todas as integrantes sabem fazer de tudo um pouco: pintura, costura, bordado, crochê. Atividades que, a princípio, parecem simples e pouco rentáveis, mas que têm transformado vidas: “Graças a Deus hoje eu tô bem, tranquila. Depois do grupo, a gente passou a ser independente do marido, sem precisar dele pra comprar o que tem vontade”, revela Cecília Barbosa, artesã,

de 67 anos.

Tel, liderança do grupo, manda um recado para outros grupos que desejem também se organizar a partir dos Fundos Rotativos: “Aconselho a ter perseverança, usar a criatividade, porque é muito bom fazer as coisas e depois poder dizer ‘fui eu quem fiz’. É maravilhoso você saber fazer algo que ficou bonito! Temos que procurar melhorar cada vez mais, se superando, fazendo sempre o melhor.”

“Onde eles deram certo é por que chegaram a um alto nível de organização política e comunitária”





CEDAPP

PLANTANDO ESPERANÇA

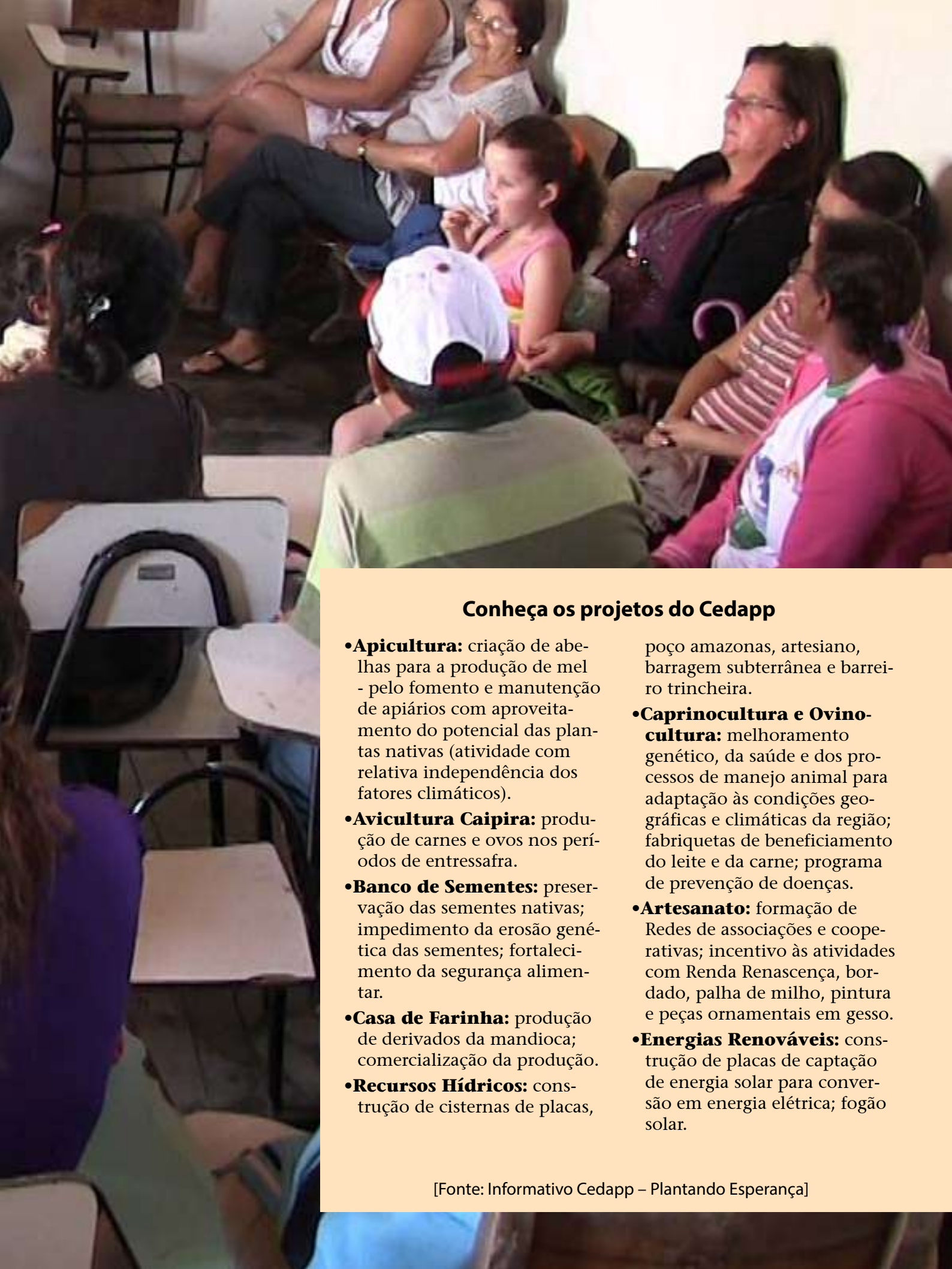
Contribuir com os pequenos produtores urbanos e rurais na convivência com o semiárido para que cresçam coletivamente com autonomia, contrariando a realidade de pobreza e miséria, é o objetivo principal do Centro Diocesano de Apoio ao Pequeno Produtor – CEDAPP, localizado no município de Pesqueira, a 215 km de Recife, capital de Pernambuco.

Essa história começa na década de 80, com a criação do Centro de Capacitação e Acompanhamento de Projetos Alternativos de Secas (CECAPAS). No início dos anos 90, o CECAPAS começa a limitar sua atuação geográfica até encerrar seus trabalhos, dando lugar ao nascimento do CEDAPP (1991) - organização não governamental, composta por pastorais sociais da Diocese de Pesqueira, que tem hoje uma atuação reconhecida na região do agreste e do sertão de Pernambuco.

Atuando de forma coletiva na construção de estratégias de desenvolvimento local, integrado e sustentável, o Centro trabalha com foco em três eixos: fortalecimento das

associações comunitárias; gerenciamento dos recursos hídricos e melhoria da renda familiar. Todas essas ações são possíveis graças ao acompanhamento sistemático da assistência técnica, oferecida aos 13 municípios beneficiados: Pesqueira (comunidade Quilombola do Osso e indígena Xukuru), Alagoinha, Arcoverde, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Buíque (comunidade indígena Kapi-nawá), Jataúba, Pedra, Poção, Sanharó, Sertânia, Tupanatinga e Venturosa.

A estratégia de atuação do CEDAPP está focada no investimento em educação, capacitação e formação das comunidades, promovendo o protagonismo dos seus associados. O Centro ainda possibilita a realização de projetos de pequeno e médio porte, fazendo uso de tecnologias adaptadas às condições ambientais do semiárido. Assim, há 22 anos, a organização tem aprimorado seus instrumentos e mecanismos de trabalho, garantindo mais dignidade e autonomia para as famílias que optam por somar forças para melhorar suas vidas.



Conheça os projetos do Cedapp

- **Apicultura:** criação de abelhas para a produção de mel - pelo fomento e manutenção de apiários com aproveitamento do potencial das plantas nativas (atividade com relativa independência dos fatores climáticos).
- **Avicultura Caipira:** produção de carnes e ovos nos períodos de entressafra.
- **Banco de Sementes:** preservação das sementes nativas; impedimento da erosão genética das sementes; fortalecimento da segurança alimentar.
- **Casa de Farinha:** produção de derivados da mandioca; comercialização da produção.
- **Recursos Hídricos:** construção de cisternas de placas, poço Amazonas, artesiano, barragem subterrânea e barreiro trincheira.
- **Caprinocultura e Ovino-cultura:** melhoramento genético, da saúde e dos processos de manejo animal para adaptação às condições geográficas e climáticas da região; fabriquetas de beneficiamento do leite e da carne; programa de prevenção de doenças.
- **Artesanato:** formação de Redes de associações e cooperativas; incentivo às atividades com Renda Renascença, bordado, palha de milho, pintura e peças ornamentais em gesso.
- **Energias Renováveis:** construção de placas de captação de energia solar para conversão em energia elétrica; fogão solar.



Fundo Rotativo: mais dignidade com organização comunitária

Padre Bartolomeo Bergese, Coordenador executivo do CEDAPP há 15 anos, em suas primeiras palavras quando entrevistado pelo projeto Maapeamento, destaca que: “O CEDAPP não é uma entidade beneficente, ou coisa parecida, e sim uma entidade que quer que os protagonistas sejam as pessoas com quem nós trabalhamos. Eles são os autores da própria existência e caminhada, eles têm que acreditar em si mesmos, para que, apoiados por nós, possam mudar sua realidade.”

Segundo ele, a convivência com o semiárido é difícil, mas não impossível. No começo, quando a organização ainda não tem recursos para a compra de estruturas como cisterna, barragem ou mesmo de animais (pintos e cabras), já havia a ideia da prática de devolução.

Isso favorece os empréstimos via Fundos, seja em dinheiro ou de outras formas, para famílias até então não contempladas com incentivos.

O Centro tem a capacidade hoje de alcançar 33 comunidades rurais, que são escolhidas por mostrarem interesse, potencial de desenvolvimento e disposição para assumir compromissos. Com a chegada do financiamento da Agência de Cooperação Alemã, Misereor, o CEDAPP pode apoiar as primeiras famílias por intermédio de um Fundo Rotativo Solidário próprio, e, posteriormente, contribuir para a formação dos FRS das comunidades, apostando na responsabilidade da gestão, proporcionando assistência técnica.

Toda ação implementada (de infraestrutura, projetos produtivos etc) pelo CEDAPP conta



com algum tipo de Fundo Rotativo Solidário, gerido pelas próprias comunidades assistidas e de forma democrática e sustentável. Esse é o grande diferencial da atuação da entidade.

Maria Elizabeth Martins, a Betinha, é coordenadora pedagógica do projeto. Ela fala a respeito da experiência de apresentar às associações comunitárias a prática do Fundo: “Dentro de cada comunidade, a gente foi trabalhando essa questão do Fundo, uma ação que não faz muito parte da cultura das associações, mas aos poucos fomos introduzindo isso na vida das pessoas como um meio de promover autonomia para elas. Por exemplo, quando uma comunidade precisa decidir sobre alguma emergência, se ela tem seu dinheiro em caixa não precisa recorrer a vereador, prefeito”. Com essa metodologia, a decisão tomada pela comunidade é apenas comunicada ao Cedapp e registra-

“(...) quando uma comunidade precisa decidir sobre alguma emergência, se ela tem seu dinheiro em caixa não precisa recorrer a vereador, prefeito”.

da em ata na assembleia.

Hoje, esse é o papel da entidade: garantir orientações, apoio e incentivo às atividades produtivas dessas comunidades. Betinha revela ainda que no período sem chuvas são estimulados trabalhos que não dependam de fatores climáticos para a geração de renda. As mulheres recebem cursos de produção de bolos, artesanato e até de criação de animais resistentes à seca, como a

cabra. De acordo com a coordenadora, é um trabalho que fez toda a diferença. Experiências assim são levadas pelos produtores/as para seus municípios e isso gera curiosidade nas comunidades vizinhas, que passam a ter interesse nesses projetos produtivos.

O CEDAPP tem agora um cadastro para registrar as demandas crescentes de acom-

panhamento por parte dessas novas comunidades e a cada três anos os projetos passam por renovação. Nessa etapa, há uma avaliação sobre a necessidade de permanência ou não dos grupos já assistidos, bem como sobre as possibilidades de entrada das novas comunidades cadastradas.

Os critérios para a adesão de novos grupos são: associações já organizadas, constituídas





juridicamente e que queiram trabalhar com a entidade. Conforme Betinha, o CEDAPP, primeiramente, observa a vocação da comunidade, vê suas necessidades e prioridades e, a partir desse diagnóstico, inicia um trabalho conjunto. A organização valoriza, além da produção coletiva mais ampla, as experiências de pequenos grupos já existentes.

A promoção de eventos para fortalecer o relacionamento dessas parcerias é também uma preocupação do CEDAPP, a exemplo do que ocorreu na celebração dos 20 anos da entidade, quando foi realizado um concurso que premiou nove atividades exitosas, sendo três premiações para cada eixo de atuação.

Com o desenvolvimento des-

se trabalho, surge a parceria do CEDAPP com a Fundação Grupo Esquel Brasil para realizar o Mapeamento e registro de informações sobre os Fundos Rotativos existentes e seus respectivos resultados e impactos na região nordeste. Esse processo é recente e está colaborando para a sistematização de dados quantitativos e qualitativos do trabalho da entidade.

Apoio técnico

- como acontece?

Paulo Fernando de Oliveira é técnico em agropecuária e participa do CEDAPP há nove anos. Paulo destaca o trabalho realizado com a construção das cisternas: “Antes, nós pensávamos no Fundo para a construção de mais uma cisterna, na pretensão de democratizar esse equipamento pela deficiência das comunidades em armazenar água. Porém, com o tempo, percebemos que, fortalecendo o Fundo Solidário, os produtores, na verdade, podiam investir em atividades de geração de renda, com vistas para adquirir recurso suficiente para obter sua própria cisterna”, relembra.

A função do técnico propicia uma observação privilegiada, pois ele tem que acompanhar um projeto desde o início da sua execução até a sua conclusão. Esse monitoramento envolve diagnósticos, capacitações em saúde animal, visitas mensais, verificação de animais e seu melhoramento genético. Por isso, Paulo pode afirmar que o maior desafio para as comunidades ainda é a gestão, devido à dificuldade no surgimento de novas lideranças que assumam a responsabilidade de fazer uma boa coordenação. O repasse de conhecimentos é assim de extrema importância para que o andamento de um projeto não seja comprometido.

Com uma equipe de oito pessoas, o CEDAPP realiza sua reunião geral anualmente, no mês de novembro, para avaliar os avanços, falhas e expectativas

de cada comunidade apoiada. Nesse encontro são elaborados instrumentos de aferição, como o Plano Operativo Anual (POA). Também são realizadas reuniões semanais com os técnicos, para alinhamento de informações e, semestralmente, para toda equipe passar por uma avaliação. A gestão é sempre colegiada, ou seja, existe um grupo de pessoas que tomam as decisões de forma coletiva.

Os dados mais relevantes dessa trajetória sistematizados no Mapeamento revelam várias conquistas: 28 Fundos Rotativos consolidados na região; cerca de 5 mil cisterna construídas; 128 banheiros secos familiares e 01 comunitário.

Para os integrantes do CEDAPP, os desafios a enfrentar estão relacionados à forte presença de pensamentos estereotipados sobre o semiárido e às práticas da chamada “politicagem”, que ainda persistem na região. Perseguições e voto de cabresto impactam de forma negativa a vida de muitos produtores. Confirmando essa preocupação sobre a imagem que se tem sobre o sertão, Pe. Bartolomeo ressalta: “Ainda há gente dizendo que precisamos combater a seca. Engraçado que nunca vi alguém dizer que é preciso enfrentar a neve, com sua temperatura abaixo de zero. O que precisamos é de tecnologias criativas que nos preparem para os momentos sem chuva, e isso é super possível. Não somos coitadinhos.”, conclui.



Sítio Pacheco e seus encantos no semiárido de Pernambuco

Localizado na zona rural do município de Pesqueira, o Sítio Pacheco é outra região que não quer ficar para trás e adere à criação de um Fundo Rotativo Solidário. A comunidade, formada por 46 famílias, é mais uma experiência produtiva acompanhada pelo CEDAPP, instituição que você conheceu na matéria anterior. Criada em 1994, a Associação local conta hoje com cerca de cinquenta sócios, sendo sua maioria composta por mulheres.

O Fundo Rotativo, criado em 2004, nasce também das necessidades básicas existentes e a chegada das primeiras cisternas motiva a comunidade a inovar, objetivando contribuir com outras famílias e fortalecer a Associação em seus processos de organização.

Com projetos de avicultura,

pecuária, agricultura e criação de suínos, bovinos e caprinos, a comunidade passa a garantir a autonomia de muitas pessoas que, até então, não conseguem realizar uma atividade produtiva sustentável para geração de renda.

A atual presidente da Associação, Josilânia de Fátima dos Santos, assegura que, com o Fundo Rotativo, a comunidade está mais integrada e participativa, dado o interesse em multiplicar o benefício para todas as famílias.

Hoje, com o apoio e orientação do CEDAPP, Pacheco já dispõe de 30 cisternas, 10 banheiros secos, 19 cabras, 01 reprodutor e 19 apriscos (criatório de cabras). Os recursos do Fundo Rotativo Solidário também consolidam melhorias na estrutura da Associação - refor-

ma do sangrador da barragem comunitária e o projeto de criação de galinhas. Maria Joselânia, que atende pelo apelido de Nana, vem participando dessa iniciativa desde o final de 2011: “A gente adquiriu cinquenta pintos, tela e ração com a quantia R\$ 170,00, que já foi toda paga graças à venda de ovos e galinhas para a comunidade de São Bento”, relembra a dona de casa.

A prestação de contas é outro aspecto que chama atenção. Com uma quantidade de associados assíduos na devolução do recurso, a Associação faz questão de ser a mais transparente possível nesse processo. O andamento do Fundo Rotativo é apresentado mensalmente e o gráfico com os pagamentos - ou não pagamentos - fica exposto com os nomes dos respectivos

associados. A princípio, a atitude pode soar como constrangedora, porém os próprios produtores decidem a favor de tal procedimento em assembleia.

Edivaldo dos Santos, uma das primeiras pessoas a acessar o Fundo Rotativo Solidário, não se arrepende. Esse avicultor e agropecuarista investe na criação de animais e logo sente a diferença na renda familiar. Em 30 dias, boa parte da produção

está vendida, chegando a apurar mais de 60 reais por semana só com a venda de ovos. Edvaldo havia perdido 36 animais na última seca, mas não perdeu as esperanças. Hoje, não tem dúvidas quanto às mudanças positivas no Sítio Pacheco: “Nossa comunidade era carente, não tinha acesso a nada, muito menos a uma vida digna. Hoje, podemos enfrentar as dificuldades com mais confiança e preparados”, testemunha.





MULHERES ANGELICAIS CONSTRUINDO CIDADANIA

Buíque, na língua indígena tupi, significa “lugar de cobras”. Com essa referência à fauna nativa, esse município apresenta mais uma experiência de Fundo Rotativo Solidário que chega para transformar a vida econômica e social de sua população. Distante 259 km da cidade de Recife, é lá que se encontra o Sítio Angélica, comunidade rural que tem uma Associação

fortemente mobilizada para a solução comunitária de seus problemas. A Associação Renascer do Sítio Angélica é um espaço que, além de abrigar as reuniões, propicia momentos de convívio e festa a todos os moradores.

Problemas de desnutrição infantil, falta de energia elétrica, estrada, escolas, dentre tantos outros direitos básicos ausentes são enfrentados

com muita luta por melhorias na qualidade de vida local. Santina Teresa, presidente da entidade, conta um pouco das características da região, antes do desenvolvimento conquistado pela organização comunitária: “Aqui, antes era só mato. As pessoas nem conheciam aqui. Só depois que conquistamos alguma coisa, foi que fomos reconhecidos.”

Criada em 2005, com o

apoio do CEDAPP, a Associação surge em um período muito seco, no qual não adianta apenas o trabalho de doação de alimentos. Uma ação contínua é o caminho vislumbrado para promover mudanças efetivas que garantam a segurança alimentar dessa população. Para solucionar a emergência do quadro de desnutrição aguda que atinge as crianças, a principal atividade gerada é a caprinocultura. A criação de cabras torna-se possível graças à doação feita pela Pastoral da Criança local. As primeiras 10 famílias atendidas comprometem-se em ceder a primeira matriz para outras famílias

necessitadas. Dessa forma, a prática vai se multiplicando e consegue alcançar quase todos os moradores interessados. Pode-se ver, assim, uma nova geração de crianças fortes e saudáveis, alimentadas com leite de cabra e muita solidariedade.

Dos 250 moradores do Sítio, 64 já são associados, participam ativamente das reuniões mensais e estão envolvidos com a Pastoral da Criança. Além do acompanhamento do CEDAPP, iniciado em 2003, o Sítio Angélica também conta com as parcerias da Cáritas e da Articulação do Semiárido - ASA.

“só depois que conquistamos alguma coisa, foi que fomos reconhecidos”.





Fundo Rotativo Solidário - Diversidade que transforma

O Fundo Rotativo Solidário constituído pela doação de cabras configura-se um divisor de águas para a população do Sítio Angélica, que vem aprendendo a construir sua autonomia pelos caminhos da ação coletiva e de uma economia solidária. Para acessar esse Fundo, basta o associado inscrever-se na fila de espera e aguardar em média de quatro a cinco meses até ser chamado.

O momento de doação é realizado de forma especial, quando acontece a chamada “Celebração da Vida”, evento no qual é feito o repasse da ca-

bra de uma família para a outra e também a pesagem das crianças, como forma de acompanhar o desenvolvimento físico delas. Essa ideia, provocada por cinco mulheres da Pastoral da Criança, adquire grandes proporções. Exemplo disso é a realização do Torneio de cabras, que movimenta a região desde 2011, quando já na primeira competição ocorre a exposição da produção de queijos e doces feitos à base do leite de cabra. O intuito é o de preparar um rebanho de qualidade e fomentar geração de renda com os animais que o sítio já possuía.

Na segunda edição do Torneio, a Associação procura o Fundo do Projeto Vencer Juntos para adquirir cabras melhores, com um melhor rendimento de leite. Atualmente,

o evento já faz parte do calendário estadual, atraindo até comunidades vizinhas: “Tudo que foi colocado à venda, foi vendido! Deu muita gente e acho importante dizer que tudo isso só aconteceu pelas muitas parcerias que tivemos” relata Santina.

Após essa experiência com as cabras, muitos outros projetos surgem: bovinocultura, criação de galinhas, construção de cisternas e banheiros secos e a efetivação de um grupo de mulheres. Tantas conquistas assim fortalecem ainda mais a garantia da terra para quem nela trabalha, bem como ajudam a evidenciar a vocação agropecuarista da região. Para se ter uma ideia, a sede da Associação é conquistada após o empréstimo de 25 pintos para a comu-

nidade pelo CEDAPP. Após seis meses, metade do rendimento da venda de ovos e galinhas é revertida para a construção da sede, enquanto a outra metade é devolvida para o Fundo Rotativo do Centro.

A diversificação dos Fundos é uma estratégia importante para que não haja o esgotamento de uma única fonte. Ao mesmo tempo, dependendo da situação, pode ser melhor investir em uma só atividade, para um retorno imediato na geração de renda, conforme adverte um

técnico da instituição.

A cisterna é outro instrumento que traz melhorias substanciais para o Sítio Angélica. Todas as famílias que desejaram, receberam uma. O problema de armazenamento de água, comum no semiárido, é então amenizado na comunidade. A coleta do líquido e o devido cuidado com a cisterna garantem água de qualidade e, consequentemente, uma vida mais saudável.

Todos esses fatores colaboram no fomento de outros Fundos Solidários na região.





Hegemonia Feminina

Além das mudanças produtivas ocorridas na comunidade, os Fundos Solidários também contribuem para a organização e fortalecimento da cidadania entre os participantes, assim como para o aumento da participação e da autoestima das mulheres. A participação feminina no Sítio Angélica ocorre em todos os níveis do processo produtivo e também nas instâncias de decisão e encaminhamentos referentes aos Fundos Solidários.

O Grupo Mulheres Angelicais surge em 2010 após um evento para formação em políticas públicas e cidadania, oferecido pela Secretaria da Mulher do Governo

do Estado. De lá pra cá, o grupo vem recebendo convites e participando de espaços importantes que discutem a região do semiárido com enfoque nas questões de gênero. O grupo compõe a Comissão Estadual de Mulheres Rurais e está mobilizado para multiplicar o aprendizado em outras regiões de Pernambuco, alcançando outras mulheres.

Agora, mais do que antes, essas mulheres sonham e querem realizar. Com a autonomia gerada pelo trabalho oportunizado pelos Fundos Rotativos Solidários, são muitas as conquistas alcançadas, mas há demandas que dependem do poder público. O Sítio Angé-

lica carece de uma rede estruturada de saúde que possa atender seus moradores dignamente. O deslocamento até o centro de Buíque também é outro desafio para a comunidade, pois são cerca de oito quilômetros de caminhada para se ter acesso aos serviços básicos. Não há sequer estrada, pois o caminho percorrido entre a mata é o que foi feito pela população, que conta apenas com um escasso transporte público durante a semana.

Contudo, as mulheres do Sítio Angélica não desanimam com os caminhos pedregosos, seguem com coragem e determinação, construindo a cidadania.

